

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

**Teoria e prática em
educação, ciência
e tecnologia**

DIÁLOGO
EDITORIAL

INTERDISCIPLINARES

3

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 6:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Curso

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição

Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

Projeto gráfico e editoração

Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação

Ilvan Filho

1ª edição

DOI:

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

A sexta edição do e-book Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia chega com uma proposta de pensar a educação de forma disruptiva em diversos contextos. A premissa é propor uma revisão sobre as ações do cotidiano educacional e do chão de escola.

Mais uma vez, o que se apresenta é a busca de discentes e docentes, estes na posição de orientadores, portanto provocando e propondo, por meio de indagações, abalar as certezas de seus mestrandos, promovendo inquietações e, assim, retirando-os do estado de acomodação. A ideia é impelir o desbravar das fronteiras e levá-los a ultrapassá-las, rompendo e, até mesmo, propondo-lhes quebrar paradigmas, que é para o que serve a produção de novos conhecimentos.

As pesquisas desenvolvidas pelos alunos e professores do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), que integram esta edição, trazem uma coletânea de artigos que transitam pelo lúdico, pela musicalização, pelo processo de alfabetização, pela literatura, pela educação especial, entre outros assuntos que fazem parte do nosso cotidiano enquanto pesquisadores, professores e orientadores desses alunos que nos alegram em poder compartilhar toda a sua conquista ao longo do processo de pesquisa.

Sabemos que, muitas vezes, este processo é árduo e cansativo, mas, não nos deixamos abater e, com muito esforço, incentivo e garra, apresentamos como um produto, mais um e-book, que traduz a fabricação de conhecimentos, fruto da coragem dos pesquisadores, nutridos da obsessão em oferecerem novos olhares e propostas para suscitar o debate acerca de temas latentes. E como de costume, convidamos a todos os amantes de uma boa leitura, aliada a uma bela pesquisa educacional, a viajar neste momento de leitura.

Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Sumário

O ENSINO DAS SÍLABAS COMPLEXAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	09
Alicia Real Tuão e Mariluz Sartori Deorce	
MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATIVIDADES LÚDICAS, TECNOLÓGICAS E SOCIALIZAÇÃO	27
Anderson da Silva Sampaio, Poliana da Silva Ribeiro, Diego Antônio de Souza Pereira e Simone Fernandes de Rança	
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA	44
Andréa dos Santos Guimarães e Marcus Antonius da Costa Nunes	
CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO NA COMPREENSÃO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	64
Andressa da Silva Santiago e Mariluz Sartori Deorce	
TDH NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS: CAUSAS E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS	86
Camila Machado de Oliveira e Vivian Miranda Lago	
A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	105
Diego Antônio de Souza Pereira, Larissa Valfré Baiôcco, Luana Alvarenga Resende e Raíssa Rangel Lorencine	
A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR ...	118
Fernanda Luciano Fernandes, Lidiane Sabrina Viana Torres, Diego Antonio de Souza Pereira, Ana Elena dos Santos Baiense e Mariana Paganott Rodrigues de Souza	

A MÚSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL	136
Flora Karoline Galito Gonçalves Santos e Edmar Reis Thiengo	
GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY- ES	148
Genivaldo dos Santos e Douglas Cerqueira Gonçalves	
O ENSINO DE LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES	166
Gessiedna Pereira de Souza Silva, Patrícia Peçanha Roza Luns e Simone Fernandes e França	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EJA	182
Isabel Cristina Polonine e Sônia Maria da Costa Barreto	
PARÁBOLAS E IMAGENS PARA DESENVOLVER COM ALUNOS DA EJA DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19	200
Jossieli Lucio Pereira de Freitas e Ivana Esteves Passos de Oliveira	
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES	216
Juliana Silva Andrieta Andrade e Edmar Reis Thiengo	
PRÁTICAS AVALIATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES	246
Leonardo Barreto da Costa e José Roberto Gonçalves de Abreu	
A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE O USO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO MATERNAL II	268
Luana dos Santos Rodrigues e Vivian Miranda Lago	
AS TICs X JOGOS MATEMÁTICOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS PEQUENAS	284
Manoela Paz da Costa e Nilda da Silva Pereira	

ATTITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	302
Maria Auxiliadora da Silva Santos	
A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA CONTRA A POBREZA: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY (ES)	323
Mirielle de Castro Sedano e Nilda da Silva Pereira	
CONTRIBUIÇÕES DA RECREAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	356
Patrícia Tamiasso de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES	372

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EJA

Isabel Cristina Polonine
Sônia Maria da Costa Barreto

1. INTRODUÇÃO

O educador que solicita ao aluno da modalidade em Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fazer uma leitura, muitas vezes não oferece nenhuma relevância para ele, que acaba se desmotivando; isso ocorre porque nem sempre a leitura tem significação para ele. Como estão fora da idade escolar, sentem necessidade de ler palavras do seu cotidiano, como placas com nomes de ruas, letreiros de ônibus, propagandas, ofertas de produtos de supermercados, dentre outros.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2007),

Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante e o (a) professor (a) figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso precisa revelar-se um (a) leitor (a) dedicado (a) e uma forte referência para seus aprendizes (MEC, 2007, p.26).

Assim sendo, o educador precisa procurar de alguma forma motivá-los à leitura, para que o desinteresse seja evitado. A prática da leitura acaba se transformando em uma prática repetitiva do cotidiano, não oportunizando reflexões e apreço pela leitura com relação ao texto lido. Assim, a literatura e a experiência apontam que as leituras devem permear textos que atendam aos interesses dos alunos da EJA, como coisas do dia-a-dia, porque ao mesmo tempo, se desenvolvem a leitura, a escrita e o conhecimento.

O ensino aos alunos da EJA é diferente da educação regular, suas características e formatação são criadas para atender as necessidades de sua clientela. Os cursos são, geralmente, oferecidos de forma semipresencial, por disciplina ou

por totalidade e atendem alunos a partir de 15 anos até aqueles com mais de 70 anos de idade. O campo da EJA é complexo porque não trata somente de questões educacionais, também está ligado à desigualdade socioeconômica da qual se encontra a maior parte dessa demanda.

Os fatores sociais e econômicos acabam influenciando no interesse dos alunos em aprender e isso faz com que tenham dificuldade no aprendizado e interesse pela leitura. Uma das maiores dificuldades de se trabalhar com alunos da EJA é a falta de relação à leitura, uma vez que apenas uma parcela da população tem acesso a livros, professores sem conhecimento das técnicas de leitura ou capacitação afim, levando-os inclusive, à evasão escolar. Outros fatores reais acabam influenciando na falta do hábito de leitura: preços de livros elevados e a escassez de materiais didáticos específicos para a modalidade da EJA, apesar da facilidade de uso da internet e outros aplicativos para tal ação.

De acordo com Kleiman (1995, p.20) a instituição escolar pode ser classificada como “[...] a mais importante das agências de letramento [...]” isso faz com que a formação leitora dos discentes entre em destaque. Portanto, a leitura deve funcionar como um instrumento que permeabilize a educação e consiga transpassar as potencialidades que a leitura traz na formação dos educandos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a leitura,

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc... (BRASIL, 2001, p. 53).

O ato de ler é importante para a vida social e cultural dos sujeitos e por isso, exige uma transformação no processo de formação leitora. Quando o leitor entra em contato com o texto e com as realidades que estão inseridas é possível criar e desenvolver sua intencionalidade neste processo. Essa intencionalidade faz

com que o sujeito tenha diversas possibilidades de compreender os significados oferecidos pela leitura. Por essa razão, é importante que a leitura seja trabalhada de forma a proporcionar um posicionamento crítico e autônomo dos sujeitos, isso fará com que o sujeito consiga emergir o texto, ir além das linhas escritas e perpassar pelas inúmeras significações até a formação da sua autonomia leitora.

A autonomia e a intencionalidade que se proporciona por meio da prática da leitura podem resultar em uma experiência e desvendamento do texto de forma íntegra “[...] e essa mesma experiência (ou vivência dos horizontes desvelados através do texto) que vai permitir a emergência do ser leitor” (SILVA, 1984, p. 95).

Sobre tal e de acordo com Meurer (2000), para que ocorra uma leitura crítica, os discentes devem criar relações com o exterior de forma que se estabeleçam reflexões, questionamentos com os acontecimentos do mundo de forma que consigam compreender. Os acontecimentos são descritos nos livros, textos literários e afins, estando diretamente relacionados e ligados com o cotidiano da sociedade, com os aspectos extralinguísticos e linguísticos. Por isso, a leitura crítica não está presente interiormente nas palavras ou nos textos, mas sim a exterioridade que é possível criar por meio dela.

Nesse âmbito, a leitura não pode ser vista apenas como um costume ou uma prática rotineira, mas como uma estratégia que pode alcançar inúmeros elementos que fazem parte da vida social, profissional e cultural dos indivíduos. Por isso, ao mediar os trabalhos com a leitura, o professor, como mediador, facilita e motiva os alunos da EJA a fazerem parte desse processo, pois a leitura pode modificá-los como sujeitos e trazer significados que se relacionam diretamente com o contexto vivenciado.

Para que essas potencialidades sejam alcançadas na EJA, é necessário que se aplique e se direcione uma didática que aproxime os alunos do objetivo proposto, pois:

[...] só aprenderão se quiserem aprender. Especialmente porque aprender custa esforço e ninguém fará esforço a troco de nada. Os

velhos “truques”, muito usados anteriormente, de ameaçar com notas baixas e reprovação não funcionam na EJA. Jovens e adultos não se intimidam facilmente. Eles só irão empenhar-se em aprender os assuntos sobre os quais tenham interesse (BRASIL, 2001a, p.45).

É importante que o professor ouça, reflita e discuta com os discentes sobre os conteúdos apresentados, para que toda a aprendizagem aconteça de forma prazerosa. Decorrente a isso, a leitura é fundamental, uma vez que pode possibilitar a EJA diversas descobertas com o auxílio e mediação do professor regente.

2. A SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

É por meio da leitura que se consegue adquirir conhecimentos e se amplie as concepções sobre o mundo, é por meio dela que ocorre a junção das ideias lidas. Em um contexto socioeducacional se destacam as informações que foram lidas, absorvidas e guardadas no inconsciente e ao serem coagidas, vão sendo lançadas automaticamente no cotidiano. É uma prática que requer treino e determinação e por essa razão, ao se deparar com leitura em sua totalidade, compreende-se uma formação crítica, reflexiva e autônoma. Nesse contexto, Silva (1984) afirma que “[...] a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. [...] Ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor” (SILVA, 1984, p. 43).

Além dessas considerações postas, a leitura vai ademais, pois se interliga diretamente com relações que os sujeitos podem fazer de si, podendo se conhecer e questionar sobre o mundo. Por isso, o aluno deve considerar as leituras algo prazeroso, que encanta e instiga de modo atual, significativo e que tenha intencionalidade em sua vida. Todavia, não pode ser vista como obrigação, caso contrário perderá seu sentido completo. Assim sendo, o estímulo e a motivação fazem parte desse momento de construção mútua para com os alunos no processo de ensino aprendizagem.

Agnolin (2006) destaca que:

A prática da leitura é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e um deflagrador do sentimento e opinião crítica do indivíduo. Ao propor atividades de leitura a alunos de ensino médio, professores devem levar em conta o gosto que os mesmos possuem pelo ato de ler. Sabe-se que esta faixa de idade não se sente muito motivada pelo ato de ler por vários fatores: um deles, porque por vezes foram impostas por alguns de seus professores, o que muitas vezes, não lhes era prazeroso. Ou ainda, porque precisam ler livros de literatura brasileira impostas pelos mesmos e não sentem atração por esse tipo de leitura (AGNOLIN, 2006, p.2).

Quando se instiga o contato com o mundo da leitura, o discente tende a fazer suas próprias interpretações, todavia, esse processo vai além da leitura, pois é importante que saiba para que está lendo e o porquê dessa ação. Quando a leitura ocorre, os sujeitos conseguem relacionar com o cotidiano em que estão inseridos e criará suposições sobre a leitura referida. Essas suposições tendem a contribuir para a interpretação e compreensão textual fazendo então que o texto tenha sentido. Dessa forma, quando maior for a quantidade de textos trabalhados no contexto escolar, maior será a interpretações e desenvolvimento dos alunos. Souza (2004, p. 13) afirma que “[...] livros são território livre, espaços que se tornam familiares, seguros, acolhedores para o leitor”.

Os conceitos que o leitor estabelece no ato da leitura, por vezes já estão interiorizados, uns, são adquiridos no decorrer do tempo e outros são transformados no momento em que a leitura ocorre.

3. EJA: ORGANIZAÇÃO E LEGISLAÇÃO

É importante compreender que os sistemas de educação espelham condições econômicas, sociais e políticas que fazem parte da sociedade e do histórico de políticas pertencentes à EJA no Brasil. A Educação de Jovens e Adultos é uma

área complexa, uma vez que, abrange diversas questões que vão além dos aspectos educacionais e englobam situações que envolvem a desigualdade social e econômica de boa parte da população do país.

Dentre esse aspecto, é importante considerar quais legislações estão envolvidas no tema e como ocorre à organização e desenvolvimento na sala de aula, além dos trâmites burocráticos. Assim, será possível compreender como as aulas deveriam acontecer, como também, compreender as dinâmicas e desafios que o docente encontra no desempenho da sua profissão.

Com isso, destaca-se que a primeira manifestação da Educação de Jovens e Adultos no período colonial foi por meio de um sistema que foi desenvolvido pelos jesuítas com a criação de um método que durou por mais de dois séculos. É necessário citar tal sistema e método. A situação se alterou com a chegada da Família Real para o Brasil (1808), pois assim, o ensino deveria atender às necessidades a aristocracia portuguesa.

No entanto, foi na década de 1930 que a EJA se consolidou, uma vez que as transformações na indústria e o crescimento populacional marcaram evoluções em todo cenário brasileiro. O ensino começou a fazer parte do Governo Federal e este delegou responsabilidades aos estados e municípios. Essas ações resultaram em esforços de extensão do ensino da EJA a fim de possibilitar sua expansão, uma vez que urgia a necessidade de operários alfabetizados.

De acordo com o exposto e com a Proposta Curricular do 1º segmento de EJA, a Educação de Jovens e Adultos teve sua identidade nacional majoritária em 1947 com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), posteriormente a esse quadro, foram implementadas em diversas escolas de supletivo. Sobretudo, salienta-se afirmar que nesse quadro tal modalidade era vista e aplicada com uma metodologia de ensino que não se adequava ao grupo estudantil vigente. Com isso, as evoluções quando a aprendizagem da leitura e da escrita não demonstravam avanços e resultados significativos, uma vez que a decodificação das palavras e do código eram o que regia esse ensino.

Por essa razão, em 1958, foi instalado o II Congresso Nacional de Educação de Adultos com o intuito de buscar e evidenciar novas características e estratégias que seriam abordadas na modalidade da EJA. Os aspectos sociais, culturais, econômicos também entram em pauta, não se solidificando somente as questões pedagógicas do processo estudantil, pois o processo de ensino/aprendizagem vai além de apresentar conteúdos, como também em lidar com o contexto de mundo.

Com base na Proposta Curricular de 2001 do MEC o primeiro guia de leitura que foi entregue nas escolas de Educação de Jovens e Adultos, continha orientações para um ensino silábico, de memorização e na formação de palavras. Esse método era superficial e não atendia as necessidades esperadas. Posteriormente, o educador Paulo Freire¹, considerado Patrono da Educação Brasileira, influenciou um movimento conhecido como Pedagogia Crítica, que culminou num novo modelo pedagógico que permitia o diálogo entre o educador e o educando.

Para ele, a concepção de leitura e de escrita surgiria quando o aluno estabelecesse relações com a sociedade com as interposições culturais e sociais. Afirma ainda, que o estudo deveria compreender a sociedade e transformá-la. Assim sendo, pode-se destacar que as ideias defendidas pelo autor foram importantes para o desenvolvimento da EJA e fez parte da fundamentação de programas como Movimento de Educação de Base (MEB).

Sobre tal, é importante ressaltar que o Projeto Madureza, Projeto Minerva e Mobral tiveram relação e relevância na Educação de Jovens e Adultos. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um órgão que se instituiu sob o Decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 no governo de Artur da Costa e Silva (1967/1969) segundo presidente do Brasil durante a Ditadura Militar. O movimento teve início em 1964 com o intuito de substituir o método de alfabetização de adultos de Paulo Freire. No modelo de Freire as palavras eram retiradas do cotidiano, e neste movimento, eram baseadas nas necessidades em que a língua se pauta.

1 Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador de um método inovador para alfabetização de adultos.

O Projeto Madureza foi um curso em que eram ministradas aulas para jovens e adultos de 16 a 19 anos em ginásios e colégios. Para cada ciclo, era necessário estudar três anos, mas foi abolido pelo Decreto-Lei nº 709/69, pois os alunos só se interessavam pelo exame final. Posteriormente, este projeto foi substituído pelo Projeto Minerva que foi criado nas décadas de 1960/1970 a fim de atender os objetivos do governo federal e com intuito de promover a educação das pessoas que por alguma razão pararam de estudar. O curso seria ministrado através do rádio e da televisão e todas as emissoras eram obrigadas a transmitir tal programação. Observa-se que ambos os projetos tinham por objetivo trazer a educação para mais próximo dos cidadãos que por alguma razão que interromperam o ensino regular.

Após o término da Ditadura Militar, iniciada com o golpe de 1964 e com duração de 21 anos, deu-se o início da renovação e reconstrução de propostas educacionais. De acordo com Souza (2000), a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) afirma que a educação tem por objetivo o desenvolvimento do cidadão de forma ampla, aspecto esse que se enquadra também a Educação de Jovens e Adultos.

Assim sendo, no ambiente da EJA a metodologia pedagógica intitulada estava intercalada com a cultura e a relação com a forma que os conteúdos eram trabalhados e instituídos. Por isso, é importante que seja pensada com um viés crítico, reflexivo e significativo para o contexto educacional dos estudantes. Sobre tudo, o que se encontra são materiais desatualizados para tal realidade, textos que não ampliam a visão do aluno e se solidificam em uma visão restritiva, impossibilitando de os discentes criarem relações e dialogarem com o texto.

Sobre tal, pode-se considerar que atualmente, o país necessita de políticas públicas que se debrucem numa reformulação dessa modalidade de ensino. Por isso, é importante que não haja limitação das atividades elaboradas e exercidas no contexto de educação do ensino regular. Os professores devem se atentar para as especificidades dos estudantes da EJA, pois se limitar em resumos dos conteúdos do ensino regular não é priorizar a qualidade estudantil. Valorizar o saber do aluno, do seu conhecimento prévio e de sua realidade é reconhecer o aluno como instrumento ativo em seu processo de ensino aprendizagem.

O MEC – Ministério da Educação homologou em 25 de maio de 2021, a Resolução nº 01/2021 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. A homologação se deu após as novas diretrizes serem aprovadas por unanimidade no Conselho Nacional de Educação (CNE). Tal resolução tem por intuito abranger e ampliar os campos da EJA e tornar mais lúdico e possível os trabalhos avançarem cada vez mais para um ensino que chegue a totalidades significativas.

Para Arroyo (2005) a EJA precisa ser vista e reestruturada de forma a trazer o aluno para mais próximo do ensino, da leitura e da escrita. Por isso, os professores precisam de uma dedicação ímpar para desenvolver um trabalho que seja significativo para a vida dos discentes, uma vez que os materiais de base para as aulas precisam de atualizações com o contexto, realidade e com o perfil socioeconômico deles.

Com isso, o Art. 1º da Resolução nº 01/2021 destaca que a Educação de Jovens e Adultos precisa estar alinhada à BNCC, à Política Nacional de Alfabetização (PNA), priorizando a flexibilidade da oferta como também no alinhamento do que se é trabalhado como também dos profissionais que assumiram as vagas. Isso faz com que a educação em torno da EJA seja vista e encarada como forma de se preocupar com o que é ensinado, com metodologia adequada a fim de cada vez melhorar a qualificação dessa demanda.

4. METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a presente pesquisa está baseada num Estudo de Caso uma vez que faz relações diretas com o fenômeno a ser estudado e a contemporaneidade, ou seja, o contexto real. Para que isso ocorra é importante que se tenha a definição da unidade-caso, a formulação do problema, elaboração do protocolo, coleta de dados, avaliar e analisar os dados e preparar um relatório.

Gil (2002) destaca que um dos principais objetivos do Estudo de Caso é:

a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2002, p.54).

Também é de cunho qualitativo com enfoque em um Estudo de Caso que de acordo com Gil (2002) “[...] as pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos” (GIL, 2002, p. 134).

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A amostra foi composta por 15 alunos da I Etapa da EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Santa Fé presente no município de Presidente Kennedy-ES. Dessa forma, este estudo pautou-se em um instrumento de coleta que se baseou na realização de um questionário com perguntas abertas e fechadas para que se possa compreender melhor como a leitura ocorre em sala de aula na EJA e como pode ser positiva para a vida social dos jovens e adultos proporcionando uma intencionalidade e criticidade.

6. ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal Unidocente Santa Fé é uma escola de Ensino Fundamental, localizada na comunidade rural de Bela Vista. Possui somente uma sala, um refeitório, uma cozinha e dois banheiros. Conta com três professores: um regente, um de Educação Física e um de Artes.

A EMEF Unidocente Santa Fé tem 15 alunos matriculados na EJA, que se dividem em: oito alunos do sexo feminino e sete alunos do sexo masculino, na faixa etária de 35 a 70 anos. E se encontram na seguinte etapa da EJA: três na primeira etapa, quatro na segunda, seis na terceira e dois na quarta.

O perfil dos alunos da EJA se apresenta da seguinte forma: todos os estudantes moram próximos à escola, alguns trabalham com prestação de serviço autônomo e outros são servidores públicos e prestam serviços para a prefeitura. O que pode se destacar que eles retornaram a estudar visando uma melhor qualidade de vida, para conseqüentemente, dar continuidade aos estudos. Destaca-se também, que a busca pelo conhecimento os levou a retornarem os estudos para desfrutarem melhor as oportunidades que surgem.

A escola referida se volta para o Ensino de Jovens e Adultos a fim de atender a demanda interessada. Todos os trabalhos e ações desenvolvidas com os alunos estão previstas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e também do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI). Ambos projetos trazem a EJA como um ensino com um olhar diferenciado e com metodologias didáticas pedagógicas que façam a diferença.

7. ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA EJA

É pertinente afirmar que a leitura tem grande importância e relevância na vida dos sujeitos. Observa-se também ao longo dos estudos anteriores que a leitura inserida em todo contexto escolar tende a contribuir positivamente na formação do leitor crítico, reflexivo e com intencionalidades próprias da sua vida social. Por isso, a escola e os professores devem proporcionar aos discentes momentos de interação e contato com o material literário e desenvolver estratégias didáticas pedagógicas que contribuam com o processo de leitura no ambiente escolar.

Destaca-se de um lado, o cenário em que a escola enfrenta dificuldades para trabalhar e inserir a leitura no contexto escolar dos alunos da EJA, como também, demonstra que há o interesse dos envolvidos no processo em usufruir da leitura.

Dessa forma, será apresentado como as estratégias de leitura podem contribuir o trabalho e desenvolvimento dos professores, bem como, dos discentes.

Diante disso, é importante considerar que a leitura é imprescindível para o processo de formação sociocultural do sujeito. A leitura e a escrita são bases fundamentais que precisam ser bem desenvolvidas no ambiente escolar, uma vez que, contribuirão na formação do senso crítico, da intencionalidade e dos processos reflexivos. Por isso, criar e desenvolver práticas leitoras que despertem essas potencialidades é de grande valia para formação do leitor crítico.

Para tal, Souza et al (2010) afirmam que:

Os leitores proficientes envolvem-se na leitura porque desenvolveram muito bem habilidades e estratégias que lhes permitem atingir um alto nível de compreensão. O ensino das estratégias de compreensão ajuda os alunos a refletirem sobre o que leram e os instrumentaliza para um mergulho mais profundo no texto. Eles passam a conversar com o texto conforme empregam seu repertório de estratégias. Aulas que efetivamente ajudam a desenvolver as estratégias promovem oportunidades para a prática da reflexão sob a orientação do professor, despertando nos alunos comportamentos desejados como a prática independente. Os alunos que internalizam as estratégias de compreensão tornam-se capazes de transferir seu conhecimento para gêneros diferentes e textos mais complexos. Quando os leitores utilizam as estratégias de compreensão, eles constroem o sentido do que leem e tornam-se participantes ativos do processo de leitura (SOUZA ET AL, 2010, p.11).

Assim sendo a estratégia pode ser considerado um plano ou método que são utilizados para alcançar um determinado objetivo ou um resultado específico. No âmbito da leitura não se foge desse quadro e pode destacar com base nos autores acima que as estratégias de leitura contam com habilidades a serem desenvolvidas e estimuladas. Para tal Sóle (1998) afirma que:

As estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino elas não podem

ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções (SÓLE, 1998, p. 70).

As estratégias de leitura podem ser classificadas e divididas como: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Ao longo dos trabalhos com o texto o docente vai estimulando o contato do discente com o material e com as estratégias. Assim será possível que o docente conheça e compreenda o que é abordado em cada habilidade e como esta contribui para o entendimento do texto e conseqüentemente, para a formação do perfil leitor.

À vista disso, Solé (1998) afirma que:

No entanto, uma das características das estratégias é o fato de que não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação; o mesmo autor indica acertadamente que as estratégias são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir. Sua potencialidade reside justamente nisso, no fato de serem independentes de um âmbito particular e poderem se generalizar; em contrapartida, sua aplicação correta exigirá sua contextualização para problema concreto. Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolvem auto direção – a existência de um objetivo e a consciência de que este objetivo existe – e autocontrole, isto é, a supervisão avaliação do próprio comportamento em função dos objetivos que o guiam e da possibilidade de modifica-lo em caso de necessidade (SOLÉ, 1998, p. 69).

Dentre as estratégias de leitura, é importante abordar que para muitos autores o conhecimento prévio é a estratégia que originou as posteriores, sendo considerada uma habilidade que desperta todo conhecimento que o aluno possui e o que traz consigo em sua bagagem cultural. Esse conhecimento será ativado no

aluno quando ele entrar em contato com o texto e conseguir estipular relações que contribuíram na interpretação e compreensão dos significados. É com base nessa estratégia que outras são formuladas e construídas.

Souza et al (2010) afirmam:

Basta que o docente tenha cuidado de selecionar, para esses diferentes momentos, obras diversas para que os alunos tenham oportunidade não só de ampliar seu repertório, mas principalmente, de mobilizar e se apropriar da estratégia em questão. Entre o repertório de estratégias de compreensão- fazer conexões, inferências, visualizações, questionamentos, sumarizações e sínteses -, há uma estratégia essencial, a de ativar o conhecimento prévio, em que ficam evidentes todas as demais estratégias, tais como a previsão, a interlocução, o questionamento, a indagação. Os norte-americanos chamam-na de estratégia-mãe ou estratégia guarda-chuva, pois agrega todas as demais (SOUZA et al, 2010, p.65-66).

No processo textual, é importante que o aluno conheça o texto de forma íntegra para que desenvolva o seu processo de interpretação e compressão, por isso é necessário que o docente utilize de estratégias que contribuam para o processo de compressão textual. As estratégias auxiliam neste processo, porém a compreensão do texto de forma ampla requer uma complexidade de estudos e metodologias que nortearam o fazer do professor. De acordo com Lopez (2016) “[...] os alunos precisam ler, compreender, avaliar criticamente as informações contidas nos textos e retê-las na memória, a fim de resgatá-las quando necessário” (LOPEZ, 2016, p. 11).

Para que essa ação seja aplicada e desenvolvida de maneira significativa, o professor deve conhecer exatamente as estratégias que utilizará e quais mecanismos conseguirá desenvolver em seu aluno para que o processo de leitura seja bem conduzido e que apresente resultados satisfatórios.

8. RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

O questionário que foi aplicado aos alunos da EJA tende apresentar brandamente o perfil socioeconômico dos estudantes e qual a sua relação com a leitura. Isto posto, apresenta os resultados expostos nos questionários que os alunos descreveram e informaram.

Em análise das respostas e em relação ao perfil sociocultural, percebe-se que quatro dos estudantes participantes da pesquisa informaram que possuem casa própria e somente um participante não possui casa própria. Em suma, todos afirmaram que as outras pessoas que moram com eles, variando de uma a quatro pessoas, também são estudantes da EJA.

Em análise da segunda parte do perfil sociocultural dos alunos, pode-se destacar que três participantes afirmaram que possuem um vínculo empregatício referente às atividades de: pesca, diarista e lavoura, respectivamente, e dois participantes ressaltaram que são aposentados. Em relação à média salarial dos pesquisados, destaca-se que três participantes recebem um salário mínimo, um tem renda em torno de mil e quinhentos reais e um participante possui renda aproximada a quinhentos reais. Por fim, em análise do perfil sociocultural três participantes afirmaram que possuem acesso à internet e dois afirmaram que não possuem acesso.

Mediante as respostas e análises do perfil sociocultural dos participantes da pesquisa percebe-se que o perfil dos alunos é apresentado de forma a determinar como a relação entre sociedade, cultura e realidade podem interferir no contexto escolar. Para tal, Giroux e McLaren (2002) afirmam que é importante estar atento às particularidades e peculiaridades apresentadas pelos alunos, pois essas singularidades interferem positivamente no contexto escolar e como as atividades serão desenvolvidas.

Em análise às respostas dos alunos com relação com a leitura, todos os participantes afirmaram que gostam de ler. Com base nos itens de leitura que

possui em casa, foi informado por dois participantes que possuem livros, um participante possui jornal e dois alunos responderam que possuem bíblia. Ao serem questionados se costumam ler os itens de leitura que tem em casa, somente um respondente afirmou que sim e quatro afirmaram que leem às vezes.

Pode-se observar que todos os participantes compreendem às vezes o que leem e afirmaram que não terminam a leitura e param na metade do texto. Afirmaram ainda que o tempo dedicado a esta ação é insuficiente. Em relação a escolha do material para a leitura, dois participantes marcaram que a ação ocorre por iniciativa própria e três afirmaram que escolhem o material pelo título do livro ou texto.

Os participantes responderam que ao ler o que foi disposto conseguem realizar conexões e relações com o cotidiano, consideram que a leitura que fazem exerce um impacto positivo em suas vidas e afirmam que gostam de ler histórias que retratam a realidade da vida em sociedade, além de histórias de fixação. Isso elucida que a leitura consegue realizar impactos positivos na vida dos estudantes. Kleiman (2002) afirma que a leitura pode evidenciar interações entre os diversos níveis de conhecimento que o leitor traz consigo, podendo então ser considerado como um processo de interação.

Em respostas, os participantes consideram a leitura importante, pois aprimoram o conhecimento adquirido, contribui em suas vidas pessoais e destacam que a melhor experiência com os livros para ambos é a conexão que ocorre quando conseguem relacionar o que leem com o mundo a sua volta, como afirma Souza (2004).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, percebemos o quanto a leitura e o incentivo a ela são importantes, pois é através da leitura que teremos cidadãos letrados e com senso crítico. Esse tema tem uma relevância significativa e é importante que mais pesquisadores, se apropriem de pesquisas com temas similares.

Por fim, este artigo favorece a percepção de que os educadores se esforçam na busca de práticas diferenciadas, as quais contribuem com a formação dos educandos da EJA. Contudo, faz-se necessário mais investimento na preparação dos professores, para que estes consigam mobilizar estratégias e recursos de ensino, cativando os alunos e ao mesmo tempo, possibilitando-os a reconhecerem e valorizarem o conhecimento por meio da prática da leitura.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Sonia. **Incentivo à leitura e desenvolvimento de projetos no ensino médio SENAI – Concórdia**. Disponível em http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoMedio/incentivo_a_leitura_e_desenvolvimento_de_projetos_no_ensino_medio_senai_concordia.pdf Acesso em: 20 jul. 2021.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Autêntica, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas de EJA**. Brasília: MEC/SEF, 2001. (Coleção MEC, Caderno 1).

BRASIL. **Secretaria de Educação Básica**. Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professor dos anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e linguagem. Ed. Revista e ampliada incluindo SAEB/Prova Brasil. Brasília: MEC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola.

In: Kleiman, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LOPEZ, Nuria Carriedo; TAPIA, Jesus Alonso. **Como ensinar a compreender um texto? Um programa de estratégias para treinar a compreensão leitora**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

MEURER, J. L. **O trabalho de leitura crítica**: recompondo representações, relações e identidades sociais. Ilha do Desterro, Florianópolis, nº 38, p. 155-171, jan./jun. 2000.

SILVA, E. T. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1984

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUZA, J. F. **A educação de jovens e adultos no Brasil e no mundo**. Recife: Edições Bagaço, 2000.

SOUZA, Renata Junqueira de *et al.* **Ler e compreender**: Estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.